

O SÁBIO E O PROCESSO EDUCATIVO SENEQUIANO

JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELLO*

RESUMO: Propõe-se com o presente artigo proceder a algumas reflexões sobre o papel do sábio na educação proposta por Sêneca. Nesse processo, o sábio, enquanto homem ideal, deveria assumir a condição de pedagogo do gênero humano, visto que as verdades encontradas e acumuladas na sua caminhada ao encontro da perfeição qualificam-no a exercer esse magistério. Assim sendo, o sábio, ponto culminante da dinâmica formativa e estágio de maior aperfeiçoamento alcançado pelo homem, a partir da sua exemplaridade, deveria ser o referencial a ser perseguido pelo homem que busca a virtude e a perfeição.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca, educação, sábio.

THE WISE AND THE SENEQUIAN EDUCATIVE PROCESS

ABSTRACT: This article aims to make us think about the role of the wise in the education proposed by the Seneca. In this process, the wise, as an ideal man, should be an educationalist of the human being due to the facts found and accumulated through his/her way to get the perfection enabling him/her to teach. This way, the wise, an important part of the formative dynamic and an improving process reached by the man through his/her exemplarity, should be the referential to be followed by those who look for virtues and perfection.

KEY-WORDS: Seneca, education, wise.

* Doutor em História. Docente da Universidade Estadual de Maringá

¹ Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba no ano 4 a.C. e morreu em 65 d.C. Foi um advogado, político e orador brilhante que se tornou questor e, mais tarde, ascendeu ao cargo de cônsul. Preceptor e conselheiro de Nero, esteve à frente do Império Romano por quase dez anos. Condenado por Nero, por alta traição, foi obrigado a suicidar-se abrindo as veias.

A vida e a obra de Sêneca¹ foram marcadas por um contexto histórico que apresentou dois pontos de convergência: a relevante vigência do estoicismo e a permanência operativa do helenismo no mundo romano.

Na ordem do pensamento e na forma de vida, Sêneca assumiu como concepção filosófica o estoicismo, que transcendeu a pura especulação teórica para se converter numa filosofia prática, que requisitava um determinado modo de conduta e de vida.

Na composição desta orientação destacam-se três fatos significativos: 1) desapareceram os grandes pensadores do período clássico grego, o que resultou na produção da fragmentação do antigo sistema filosófico em escolas e sistemas diversos, tais como: ascéticos, epicuristas, peripatéticos, entre outros. 2) Esvaziou-se o processo criador da cultura grega. O helenismo trouxe consigo uma tecnificação e codificação da reflexão da época precedente. As ciências ou saberes particulares iniciaram sua desvinculação do tronco da filosofia, que se transformou, também, numa ciência caracterizada por sua vinculação aos grandes problemas do homem. 3) Esses novos tempos foram marcados pela agitação e instabilidade, o que levou o homem a buscar segurança e tranqüilidade na filosofia, já convertida em guia espiritual e diretora da vida humana, com um marcado interesse por temas e problemas humanos, em sua dimensão existencial (Redondo e Laspalas, 1997).

Em contato com a cultura grega, os romanos entraram na órbita do helenismo e, sobre aquele complexo modelo de saberes, redescrevendo-o de forma a atender ao seu espírito prático, pouco dado às grandes reflexões filosóficas, eles organizaram a sua própria identidade cultural. Dessa forma, as discussões lógicas características da cultura grega não tiveram espaço na Stoa romana.

O apreço do estoicismo ao dever e à autodisciplina e a sujeição à ordem natural das coisas vinham ao encontro das antigas virtudes romanas e dos seus hábitos conservadores, bem como da sua insistência nas obrigações cívicas. Enfim, sua doutrina a respeito do cosmopolitismo estava de acordo com a mentalidade política romana e com o orgulho romano de ser um império mundial.

Em sua especificidade, o estoicismo romano colocou em discussão, de maneira não-marginal, a pedagogia, a qual, com a característica de *humanista*, tomou-se ponto central da cultura e da formação do homem romano. Naquele momento, em Roma, o homem sentia-se revestido de uma humanidade universal, deixando de se considerar apenas um cidadão ligado ao *mos maiorum* e ao papel de *civis*

romanus. São criados assim modelos de pedagogia estritamente ligados ao saber mais universal e autônomo, o saber filosófico (Cambi, 1999, p. 110-111).

Como não podia ser diferente, essa mesma preocupação marcou a reflexão filosófica de Sêneca, transformando-o em uma das vozes romanas mais importantes e significativas em matéria de pedagogia, visto ter esboçado um modelo pedagógico de caráter estóico que desembocava necessariamente num processo de auto-educação.

Ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejais atingir este objetivo, careceis de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A virtude não se conquista por procuração. (Cartas 27,4).

Embora ele reconhecesse a contribuição que o processo educativo poderia receber do mundo exterior, a chave da formação radicava no esforço pessoal do indivíduo para se educar. No fundamental, nada poderia substituir a própria formação.

Desta forma, Sêneca punha em destaque a capacidade do homem para se autodirigir e, sustentado pela moral e pela razão, reconhecer-se como parte integrante de um todo.

Numa perspectiva teleológica, a felicidade para Sêneca configurava-se como o fim da vida humana, portanto, como o fim da educação; mas a felicidade era resultado direto da virtude. A escalada para a virtude supõe luta e esforço; porém, para resistir e vencer essa luta, o homem virtuoso deve ter sabedoria e impassibilidade. Sabedoria para que tenha um conhecimento autêntico e possa agir conforme a razão. Impassibilidade para resistir aos impulsos irracionais dos afetos, que dificultam o homem de conformar-se com a natureza e agir segundo a razão (Mendonça Van Ray, 1986, p.120-121).

Sendo a virtude passível de ensinamento, Sêneca julga fundamental levar o homem a conhecer a verdade, a fim de que possa estar acima dos medos, dos falsos julgamentos (Santos Silva, 1984, p.92) e dos vícios, pois estes levam à deformação da condição humana, que nasceu para retidão, para a virtude e para a felicidade.

Num jogo hábil de palavras, Sêneca definiu o papel da virtude, contrapondo-a ao vício:

A virtude é algo elevado, excelso e régio, invencível, infatigável; o prazer (vício) é baixo, servil, fraco, passageiro; seu lugar e morada são os bordéis e as tavernas. Encontrarás a virtude nos templos, no foro, na cúria, em pé diante das muralhas, coberta de pó, tez queimada pelo sol, mãos calejadas; o prazer, pelo contrário, muitas vezes o verás escondido, em busca das trevas, ao redor dos banhos, saunas e nos lugares temerosos da vigilância do edil, mole, desfibrado, gotejando vinho e perfumes, descorados, maquilados, embalsamado como um cadáver (Da vida feliz, VII).

Superada a primeira fase da formação, a qual, excepcionalmente, poderia depender de ajuda externa, o progresso do aluno dependia da sua capacidade para captar a sabedoria.

O saber, conforme entendia o pensador, não se limitava à compreensão das leis do universo e à busca do fundamento da realidade, mas tinha como função principal a formação do homem (Li, 1998, p.16), tendo em vista a prática da virtude e uma vida feliz.

Em Sêneca, a sabedoria, tomada no sentido de prudência, é a própria filosofia. Por ela encontra-se o Bem, pois é o exercício da razão que leva à condição de homem.

Seguindo a filosofia, segue-se a natureza humana e, por extensão, realiza-se o Bem no homem (Almeida Prado, 1946-47, p.) e a tranquilidade da alma.

Neste processo, papel quase decisivo tinha a liberdade, a qual estava intimamente vinculada ao problema do conhecimento e da auto-educação.

Assim sendo, a fonte geradora da liberdade era a sabedoria e o caminho que levava à sabedoria era a filosofia. Quanto a esta idéia Sêneca buscava respaldo em Epicuro:

Tenho andado a respigar Epicuro, e dele li hoje esta frase: “Deves ser servo da filosofia se pretende obter a verdadeira liberdade”. Não será posto de lado quem a ela se entregar confiadamente: logo ela lhe prestará os seus benefícios. E nesta entrega total à filosofia que consiste a liberdade (Cartas 8,7).

Segundo Sêneca, a filosofia, não se resumia a preceitos ou a um saber teórico, mas definia-se no exercício da virtude e manifestava-se na própria vida.

Embora intimamente ligadas, ele reconhecia as diferenças entre sabedoria e filosofia, definindo-as da maneira seguinte:

Para começar, se achas bem, dir-te-ei qual a diferença entre sabedoria e filosofia.

A sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria, aquela aponta o fim que esta alcança.

(...) A sabedoria tem sido definida por alguns como a ciência das coisas divinas e humanas; para outros, a sabedoria consiste em conhecer o divino e o humano (...). Também a filosofia tem sido definida de várias maneiras: uns consideram-na o estudo da virtude, outros o estudo do modo de adquirir idéias concretas; por alguns outros foi ainda definida como a busca de uma razão justa.

Onde há, praticamente, acordo é em considerar que a filosofia e a sabedoria são duas coisas diferentes (Cartas, 89.4-5-6).

Para o pensador, a filosofia dá forma e estrutura à alma, ensina um rumo na vida e aponta o que deve ser feito. Sem ela ninguém pode viver sem temor, ninguém pode viver em segurança. Oferece tudo isso, porque dá o discernimento dos verdadeiros valores (Cartas, 16, 1-3).

Enquanto “pedagoga da humanidade”, a filosofia deveria chegar ao homem concreto, *deveria ensinar a agir; não a falar* (Cartas 20,3), determinar-lhe uma conduta prática que fosse resultante da harmonia entre o interior e exterior.

Há, porém, uma coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho: interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na dimi-nuição dos teus desejos, comprova as palavras com os atos (Cartas, 20, 2).

Como o processo formativo, até mesmo no estágio em que o discípulo já tinha tomado consciência do papel ativo que ele próprio devia desempenhar em sua educação, podia sofrer interferências externas negativas, Sêneca encontrava um meio de inibir essa interferência. Para combater o “ativismo”, que poderia colocar o indivíduo em uma situação de dúvida e de intranqüilidade, ele opunha sua idéia de “ócio” útil. Sem tempo livre para a reflexão e para a serenidade do espírito não se conseguiria a verdadeira educação.

A sabedoria é algo de grande e de vasto; exige para si todo o espaço; temos de nos debruçar sobre o divino e o humano, sobre o passado e o futuro, sobre o transitório e o eterno, sobre o tempo. (...) antes de haver tempo, alguma coisa existiu sem tempo; se apareceu quando começou o universo, ou se porque ainda antes do universo já existiu algo, o tempo também então existiu (Cartas, 88,33).

Embora o “ócio” fosse a única instância em que a educação poderia se realizar, Sêneca não o considerava como garantia de sucesso. Como, no essencial, as virtudes formativas do “ócio” não tinham suas origens apenas no mundo exterior, mas dependiam da disposição interior de quem o desfrutava, ele poderia tanto favorecê-la como obstaculizá-la (Redondo e Laspalas, 1997). Em razão disso, ele recomendava e exortava ao “ócio” unicamente aqueles cuja atitude fosse ética e moralmente coerente com esse exercício.

Um homem que viva retirado passa aos olhos do vulgo por viver no ócio, tranqüilo e contente de si, por viver apenas a sua vida, quando, de fato um tal tipo de vida somente está ao alcance do sábio. Apenas o sábio sabe o que é viver para si mesmo, pela simples razão de que apenas o sábio sabe o que é viver! (...) Deixar de viver para os outros não significa auto-maticamente que vivamos para nós mesmos! A constância e a firmeza de propósito, todavia, são algo de tão importante que mesmo uma inatividade persistente consegue forçar à admiração! (Cartas55, 4-5).

Nessa dinâmica pedagógica, que em última instância levava à aquisição da virtude e, com esta, à conquista da felicidade, a liberdade e a filosofia desempenhavam papel decisivo. Ambas constituíam a essência da conduta moral. Para Sêneca, sem o conhecimento não existia liberdade e sem liberdade não havia moralidade.

Assim sendo, o destino do homem era lutar para se libertar das limitações a que estava submetido, e a educação deveria ajudá-lo a atingir esse objetivo.

Em síntese, o papel fundamental da educação era a formação do homem ideal, o sábio, agente social que responderia às necessidades do Império Romano.

Na perspectiva senequiana, a condição de sábio era o ponto culminante do processo educativo e o estágio de maior aperfeiçoamento alcançado pelo homem que vivera segundo a prática da virtude.

El sábio no es insensible, experimenta las pasiones y el dolor, pero sabe sobreponerse a ellas sometiéndolas a la razón. Nunca se deja dominar por la ira, el odio ni la envidia. No puede vivir sin el cuerpo, pero procura no vivir para el cuerpo. No apega su corazón a las riquezas, ni se altera cuando las pierde. El sabio afronta los peligros, y lucha. Su vida es un esfuerzo heroico para no dejarse doblegar por las adversidades, ni dejarse vencer por la fortuna. (...) El sabio debe mantener por encima de todo una serenidad imperturbable (...). Pero, si es vencido en la lucha, el sabio se somete serenamente al Destino, pero sin implorar clemencia, como el gladiador que cae ante la espada de su vencedor. Así llega, no solo a parecerse a los dioses, sino hasta a hacerse él mismo dios (Séneca, apud Fraile, 1971, p.668)

Assim sendo, o sábio é o homem cuja constância nas ações, nos atos e nos propósitos se faz sentir em qualquer circunstância, independentemente de ser boa ou má. É aquele que não perde o seu tempo com as futilidades do mundo, nem se deixa envolver pelos apelos materiais e pelas distinções passageiras (Schopke, 2002, p. V - VII), por ser senhor de si mesmo.

Em face disso, o sábio se basta a si mesmo e é sempre feliz, por estar acima de todas as contingências.

Com este perfil, o sábio se converte no modelo e no guia do processo autoformativo proposto por Sêneca, por estar habilitado a despertar no homem, por meio do seu exemplo, o gosto pela prática da virtude e pela perfeição. Dessa forma, abre novas perspectivas a humanidade, como se fosse o pedagogo do gênero humano.

Para Sêneca, o traço fundamental que caracteriza o sábio, na condição de pedagogo da humanidade, conforme já mencionado, era a sua exemplaridade, e o que importava antes de tudo é que estava qualificado enquanto modelo imutável, cujo brilho fulgurava com força e efetividade para todos aqueles que o requisitassem.

Assim, pode-se dizer que para o pensador a eficácia dessa exemplaridade repousava plenamente na ação que adotou para si mesmo no seu processo autoformador.

Essa era a única condição necessária para se atingir a intemporalidade (Garcia Garrido, 1969), pois o conteúdo proposto pelo sábio não se limitava ao seu tempo, mas avançava as centúrias, numa dinâmica educadora para todos aqueles que pretendessem galgar a perfeição.

(...) aqueles fundadores das sublimes filosofias nasceram para nós, e eles nos prepararam o caminho para a vida. Graças aos seus esforços, conduzem-nos das trevas à luz, aos mais belos conhecimentos. Não nos é vedado o acesso a nenhum século, somos admitidos a todos; e se desejamos, pela grandeza da alma, ultrapassar os estreitos limites da fraqueza humana, há um vasto espaço de tempo a percorrer. Podemos discutir com Sócrates, duvidar com Carneadas, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estóicos, ultrapassa-la com os cínicos.

Já que a natureza nos permite entrar em comunhão com toda a eternidade, por que não nos desviarmos dessa estreita e curta passagem do tempo e nos entregarmos com todo nosso espírito àquilo que é ilimitado, eterno e partilhado com os melhores? (Sobre a brevidade da vida, XIV, 1-2).

Para além, Sêneca conclui:

Podemos afinar que se dedicam a verdadeiros deveres, somente aqueles que desejam estar cotidianamente na intimidade de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles, Teofrasto e os demais de virtude. Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem que faça mais feliz e devotado a ele, nenhum penitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; e eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como a noite.

Nenhum destes forçará tua morte, todos re ensinarão a morrer, nenhum dissipará teus anos, mas te oferecerá os seus. Nunca a conversação com eles será perigosa, fatal a amizade ou onerosa a deferência.

Conseguirás deles tudo o que quiseres: não será deles a culpa se não tiveres exaurido tudo o que desejas (Sobre a brevidade da vida, XIV, 5 e XV, 1-2).

Nesse sentido, não se pode limitar a eficácia da ação do sábio, quer em vida quer após a sua morte, desde que o homem propenso ao ideal de perfeição busque com dedicação e perseverança o seu exemplo.

Assim sendo, Sêneca hipoteca pouco apreço à erudição e á cultura que não estejam comprometidas com a prática da virtude. Em razão disso, não acredita no sábio concebido como erudito ou como homem de idéias que não possibilitem o acesso à virtude, prática aperfeiçoadora e transformadora do homem.

A teoria ensina-nos o caráter efêmero e adverso de muitas coisas, agora a experiência confirma esse ensinamento (Cartas, 68, 12).

Para o pensador, a ciência da vida era o que verdadeiramente importava, daí a necessidade de oferecer ao homem o que necessita (García Garrido, 1969, p.255-256), para que busque a formação plena e, por extensão, a perfeição e a vida feliz.

Em face disso, não se atinga a condição de sábio de maneira apressada, a partir de um momento de “iluminação”, mas sim, mediante um esforço contínuo, uma aplicação incessante e, sobretudo, um rigoroso exercício da vontade.

Posto isto, o sábio é quem deveria ser o legislador, o jurista, o político, porquanto era ele quem melhor sabia discernir o que era justo e injusto para o homem e para o Estado (Ullman, 1996, p.43).

Enfim, vale enfatizar que o traço mais original do pensamento pedagógico-senequiano tem base na idéia de que a filosofia deveria ser vivida, rompendo assim com a acumulação de conhecimentos desprovidos de conteúdo moral. Esse foi o motivo de Sêneca ter negado qualquer valor à ação voltada para si mesma. O valor de uma ação estava no seu fundamento ético: fazer um benefício, orientar, ensinar, meditar, praticar austeridade física eram práticas que incorporavam valor apenas se executadas com um fim moral.

Daí a importância da formação do “sábio”, Esse seria o homem que, compreendendo e respondendo a esses valores fundamentais, materializaria o processo formativo.

REFERÊNCIAS:

ALEMIDA PRADO, Anna Lia Amaral de. “Apontamentos para um estudo sobre a moral de Sêneca nas epistolae ad Lucilium”. *Anuário de 1946-47*. São Paulo, faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae” da Universidade Católica de São Paulo, 1946-47, p.159-170.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo, Editora UNESP, 1999.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofia*. Madrid, BAC, 1965, Vol. VI.

GARCÍA GARRIDO, J. L. - *La filosofia de la educación de Lucio Annaeo Séneca*. Madrid, editorial magistério Espanol, 1969.

LI, Willian. “Introdução”. In: Sêneca, *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo, Nova Alexandria, 1998.

MENDONÇA V AN RAIJ, Cleonice Furtado de. *As consolações de Sêneca*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1986 (Dissertação).

PEREIRA MELO, José Joaquim. “*Sêneca e o projeto de formação do sábio*”. III Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação Social e Educação. Maringá, UEM, 2003.

REDONDO, Emilio e LASPALAS, Javier. *História de Ia Educación. Edad Antigua*. Madrid, Dykinson, 1997.

SANTOS SILVA, Marilda Evangelista dos. “Sêneca, o humanista”. *Calíope*. Rio de Janeiro, julho/dezembro, 1984, ano I, número 1, Faculdade de Letras, UFRJ, p. 87-94.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Da vida feliz*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida..* São Paulo, Nova Alexandria, 1996.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SHOPKE, Regina. “Apresentação”. IN: Sêneca. *Aprendendo a vi-ver*. Martins Fontes, 2002.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O estoicismo romano*. Porto Alegre, Edipucrs, 1996.